

Programa nuclear iraniano segue trilha do norte-coreano

Por [Maria Cristina Fernandes](#)

Valor, 27/06/2025

A crise começou com o vazamento (deliberado?) de um relatório.

Na manhã de 25 de junho, um dia depois da entrada em vigor do cessar-fogo decretado por Donald Trump, o Parlamento iraniano aprovou um plano para suspender sua cooperação com a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA). Foi uma aprovação acachapante, por 221 votos dos 223.

Não se tratou da saída do Irã do Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP), ao qual aderiu em 1970, 30 anos antes do Brasil. Na prática, porém, dificulta enormemente a verificação, pela agência, de seu cumprimento.

Ontem, o Conselho dos Guardiões do país ratificou o plano aprovado pelo parlamento.

O distanciamento do Irã do TNP era bola cantada entre diplomatas da AIEA desde que o fatídico relatório denunciando o avanço atípico no enriquecimento de urânio do país foi vazado no dia 31 de maio. O relatório só seria aprovado pela junta de governadores da agência em 13 de junho, horas antes do ataque israelense que o cavalgou. No momento em que se tomou conhecimento do teor do relatório, a guerra não era um desfecho previsível, mas o distanciamento entre o Irã e a agência, sim.

No dia seguinte ao vazamento do relatório, o chefe da agência iraniana de energia atômica, Mohammad Eslami, relacionou, em entrevista à TV estatal, as ambições do diretor-geral da agência, Rafael Grossi, em se tornar secretário-geral das Nações Unidas, ao interesse em “ganhar a aprovação de países específicos e se alinhar com seus objetivos”.

Se retomar seu programa, o Irã não demorará para ter uma bomba”

— Leonam Guimarães

As entrevistas do diretor-geral da AIEA, que correram o mundo afirmando a inexistência de provas de que o Irã já fosse detentor de armas atômicas não foram capazes de conter a guerra e ainda despertaram a reação de Esmail Baqaei, porta-voz da chancelaria iraniana na linha de que vieram “tarde demais”.

O ataque americano sobre as três instalações do país, Fordow, Isfahan e Natanz não apenas não pôs fim ao programa nuclear iraniano, como disseram Donald Trump e Benjamin Netanyahu, como impulsionou o país a acelerá-lo.

Ex-presidente da Eletronuclear (2017-2022), coordenador do comitê de ciência e tecnologia da Amazul, empresa pública que desenvolve tecnologias para o programa nuclear brasileiro, Leonam Guimarães vê o Irã na trilha da Coreia do Norte. Em 1994, Kim Jong-il, pai do atual ditador do país, Kim Jong-un, fez um acordo por meio do qual os EUA e a Coreia do Sul se comprometiam a dar contrapartidas em troca do não desenvolvimento de um programa nuclear naquele país, entre elas a construção de duas usinas de energia nuclear.

O acordo nunca foi cumprido. Kim Jong-il deixou o acordo e colocou seu país no rumo da bomba nuclear. Pouco tempo depois, saiu do Tratado de Não Proliferação Nuclear. A história se repete com o Irã, diz Guimarães, que também integra um grupo permanente de assessoramento do Diretor Geral da Agência Internacional de Energia Atômica desde quando a instituição era comandada por Yukiya Amano, antecessor de Rafael Grossi. Hoje é o decano deste grupo.

A crise que levou à guerra dos 12 dias teve origem cinco anos antes, no primeiro mandato de Donald Trump, quando o governo americano rompeu o acordo com o Irã fechado pela gestão Barack Obama em 2015. “Depois do rompimento, o Irã partiu para desafiar os EUA e se equivocou. Para que enriquecer a 60%, patamar que nenhum fim pacífico exige? A única explicação é que pretenda levar para 90%”, diz Guimarães.

O ex-presidente da Eletronuclear não se surpreenderia se o Irã tivesse retirado seu estoque de 408 quilos de urânio enriquecido a 60% das usinas quando a tensão começou a escalar. Apesar do previsível impacto nas centrífugas, decorrentes das explosões, tampouco receberia com surpresa a informação de que o país tenha instalações não declaradas que lhe permitam retomar seu programa nuclear.

A planta de Natanz, uma das três atacadas pelos EUA, também começou a operar secretamente, relembra. Quando sua existência se tornou incontornável, foi declarada. O resto é história conhecida. Veio a crise que levou o Brasil e a Turquia se envolverem num acordo que o governo americano rejeitou para fechar outro, mais permissivo, em 2015, rompido cinco anos depois por Trump. Se o Irã retomar seu programa nuclear, avalia Guimarães, não demora a ter a bomba. Isso porque três quintos do esforço de enriquecimento se dão entre 0,7% (minério natural) até 20% (limite suficiente para todos os fins pacíficos).

Além da corrida do Irã pela bomba, a guerra, na sua avaliação, ainda poderá ter como efeito colateral o estreitamento do prazo de latência dos programas nucleares no mundo inteiro.

Este conceito envolve o domínio do ciclo do combustível nuclear, a capacidade de realizar pesquisas no tema, a disponibilidade de estoques de urânio altamente enriquecido, a existência de um corpo técnico capacitado e, principalmente, a ambiguidade do país que permanece no limiar: não conclui a produção de armas nucleares, mas envia sinais estratégicos de que tem esta capacidade, o que pode ser usado como ferramenta de dissuasão. “É uma maneira de um país respeitar o TNP e, ao mesmo tempo, reduzir a possibilidade de ser agredido”.

Hoje o Japão é considerado um exemplo clássico de “dissuasão por latência”. O Brasil e a Alemanha têm programas nucleares avançados, mas se mantêm comprometidos com o uso pacífico. O prazo de latência do programa brasileiro, na avaliação de Guimarães, é mais curto do que o da Argentina, país como o qual o Brasil tem um acordo de salvaguardas ímpar que exige ambos os países da necessidade de um protocolo adicional com a AIEA.

Já o Irã esteve, até aqui, encaixado como país de latência ambígua. A guerra pode tê-lo levado a subir de patamar. No seu primeiro pronunciamento depois do fim da guerra, o líder máximo do Irã desafiou seus agressores. “A questão não é mais o enriquecimento da indústria nuclear. É sobre o Irã se render.

Desnecessário dizer que esta afirmação é grande demais para a boca de um presidente americano”, disse Khamenei. Não avançou sobre o futuro do programa nuclear embora a comunidade nuclear não tenha dúvida de que o acelerará.